

## PIRRO E CÍNEAS: O PARA QUÊ DA ACÇÃO HUMANA

### PYRRHUS AND CINEAS: THE HUMAN ACTION'S FOR-WHAT

Maria de Fátima Silva \*

#### RESUMO

Com a citação da Vida de Pirro de Plutarco a abrir o seu livro *Pirro e Cíneas*, Simone de Beauvoir confirma o que parece patente na sua reflexão sobre a acção humana: que vários conceitos em discussão têm raiz na Antiguidade grega, e não apenas em Plutarco. Motivos convencionais, em particular o episódio da entrevista entre um sábio e um homem poderoso, contextualizam a discussão de conceitos como *pleonexia*, *hybris*, *physis*, *nomos*. Essas são confluências que deixam patente a familiaridade da filósofa francesa com a tradição helénica.

PALAVRAS-CHAVE: Heródoto; Plutarco; filosofia grega; ética grega

#### ABSTRACT

With the quote from *The Life of Pyrrhus*, by Plutarch, opening her book *Pyrrhus and Cineas*, Simone de Beauvoir confirms what seems to be patent in her reflection on human action: that various concepts in discussion have root in ancient Greece, and not only in Plutarch. Conventional motives, particularly the episode of the interview between a wise man and a powerful man, contextualize the discussion over concepts such as *pleonexia*, *hybris*, *physis*, *nomos*. These are confluences that evidence the familiarity of the French philosopher with the Hellenic tradition.

KEYWORDS: Herodotus; Plutarch; Greek philosophy; Greek ethics

Se é evidente, pela citação de abertura de um passo de Plutarco, que conceitos do pensamento clássico estão no espírito de Simone de Beauvoir nesta sua reflexão sobre a acção humana, é também patente, ainda que não explicitamente afirmado, que, além do biógrafo de Queroneia, outros autores e outros textos da Antiguidade subjazem às páginas

---

\* Professora Catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

introdutórias do livro da pensadora francesa<sup>1</sup>. A convivência de Beauvoir com os Clássicos gregos é algo de tão incorporado no seu perfil intelectual que lhe permite "facilidades", como as que correspondem ao capítulo de abertura deste livro<sup>2</sup>. Algumas imprecisões na referência a Plutarco são disso testemunho (ARP, 2001, p. 22)<sup>3</sup>; um vago "Plutarco conta que" dispensa a precisão concreta de um título e de um passo; a opção é feita por uma simples evocação de memória, lacónica na busca de um sentido essencial e, em certa medida, imitativa do estilo do modelo grego; não se trata, no entanto, de uma verdadeira "tradução", directa, à letra; a citação é já claramente interpretativa, representa uma preferência na utilização do passo de Plutarco.

Uma versão mais fiel ao original poderá ajudar-nos a avaliar o efeito proémico pretendido por Beauvoir para o conjunto da sua reflexão. Assim, Plutarco, na *Vida de Pirro* 14. 1-8, conforme Perrin (1968):

Havia um tal Cíneas, um sujeito da Tessália, com reputação de grande bom senso, antigo discípulo de Demóstenes, o orador, que, no seu tempo, era verdadeiramente o único orador capaz de recordar aos seus ouvintes, como uma estátua o poderia fazer, o vigor e o talento do seu mestre. Pois Cíneas fazia parte do círculo próximo de Pirro e era por ele enviado às cidades como embaixador; representava a confirmação do dito de Eurípides de que "a palavra tudo vence, do mesmo modo que a espada inimiga o poderia fazer" (EURÍPEDES, *Fenícias* 516-517).

Seja como for, Pirro costumava dizer que mais cidades tinham sido ganhas para a sua causa pela eloquência de Cíneas do que pelas suas próprias armas. E continuou a ter Cíneas numa consideração particular e a recorrer aos seus serviços.

Foi este Cíneas que, ao ver que Pirro preparava uma expedição desta vez contra a Itália, o apanhou num momento de lazer e lhe fez este discurso: "Os Romanos, Pirro, têm fama de bons lutadores e de submeterem muitos povos guerreiros. Se algum deus nos concedesse conquistar esta gente, que uso faríamos nós dessa vitória?" Ao que Pirro respondeu: "A resposta à tua pergunta, Cíneas, é evidente. Uma vez vencidos os Romanos, não há qualquer cidade, seja bárbara ou grega, que mereça o nosso ataque. Teremos, isso sim, de possuir a Itália inteira, cujo tamanho, importância e potencialidades não há quem conheça melhor do que tu". Após uma breve pausa, Cíneas continuou: "E depois de conquistar a Itália, meu senhor, o que faremos?" E Pirro, sem lhe perceber a intenção: "Lá perto, já nos estende os braços a Sicília, uma ilha de grande potencial, material e humano,

---

<sup>1</sup> A interferência do pensamento clássico neste texto ético de Beauvoir tem sido pouco atendida, face a outras influências relevantes como as de Sartre, Hegel, Heidegger, Spinoza, Voltaire, Nietzsche e Kierkegaard.

<sup>2</sup> No seu título original *Pyrrhus et Cinéas*. Este foi o primeiro ensaio filosófico de importância publicado por Beauvoir em 1944. Na sua estrutura geral divide-se em duas partes: a primeira focada nos traços essenciais da existência humana, a segunda na relação de cada indivíduo com os outros.

<sup>3</sup> ARP observa que o acesso de Beauvoir a esta história não é directo, mas segue a versão que do mesmo episódio dá Michel de Montaigne, considerada a forma como a referência é feita.

e muito fácil de capturar; em toda ela reina a agitação, Cíneas, as cidades estão mergulhadas na anarquia, os demagogos no auge, após a partida de Agátocles". "Provavelmente tens razão no que dizes", confirmou Cíneas; "mas a tua campanha termina com a conquista da Sicília?" "Algum deus", acrescentou Pirro, "nos há-de garantir a vitória e o sucesso. Destes avanços usaremos como um preliminar para grandes empresas futuras. Porque quem se iria manter de braços cruzados perante a Líbia ou Cartago, se as tivesse ao seu alcance, um território que Agátocles, numa arremetida discreta a partir de Siracusa, e fazendo a travessia com meia dúzia de navios, por pouco não tomou? E quando nos tornarmos senhores desse território, nenhum dos inimigos que neste momento nos olham com sobranceria, se atreverá a fazer-nos frente. Nem é preciso afirmá-lo". "Nenhum, realmente", confirmou Cíneas; "é óbvio que, com um tal poder na mão, poderemos tomar a Macedónia e exercer sobre a Grécia uma autoridade firme. Mas quando tudo isso nos pertencer, o que faremos?" Pirro retorquiu, com um sorriso: "Aí, meu caro, teremos muito tempo para descansar, para beber uns copos todos os dias, e para nos entretermos alegremente com uma boa cavaqueira". Agora que tinha levado Pirro a esta conclusão, Cíneas rematou: "Mas então o que é que nos impede, desde já, se queremos beber uns copos e passar uns bons bocados uns com os outros? Enquanto esse privilégio nos está já acessível, à mão de semear, sem qualquer esforço da nossa parte, o que pretendemos conquistar vai exigir-nos sangue, grandes sofrimentos e riscos; só lá chegaremos depois de causar muitos males a outros e de os sofrermos também nós mesmos".

Estas palavras de Cíneas deixaram Pirro mais incomodado do que convencido. Deu-se conta de quanto bem-estar punha de lado, mas sentia-se incapaz de renunciar às expectativas por que aspirava.

O que, no texto de Plutarco, corresponde a um capítulo extenso, transcreve-o Simone de Beauvoir, no essencial, em poucas linhas. E o essencial está no diálogo rápido entre um homem poderoso e um conselheiro prudente. Embora este motivo – um diálogo entre o poder e o saber – seja reportado, no texto francês, a Plutarco, ele constitui de facto o regresso, na biografia, a uma tradição a que o velho relato histórico de Heródoto servia de referência, conforme também notado por Mosmann (1992, p. 98). Tal como, nas *Histórias* do antigo cronista de Halicarnasso, se dramatiza<sup>4</sup> um encontro entre Sólon, o legislador de Atenas, e Cresos, o soberano rico e poderoso da Lídia, a pretexto do que seja a "felicidade humana" (HERÓDOTO 1. 29-33)<sup>5</sup>; assim também Plutarco aproxima, a propósito de uma discussão equivalente sobre "os objectivos da existência", um conquistador modelo, Pirro

---

<sup>4</sup> Este tipo de episódios é geralmente expresso em forma dialogada, padrão que viria a ser próprio, no contexto da discussão filosófica, do diálogo platónico e da diatribe. Vide A. P. Garoufalias, *Pyrrhus king of Epirus*, London, trad. ingl., 1979; G. Marasco, 'Note ellenistiche', *Prometheus* 9, 1983, 221-231.

<sup>5</sup> Sobre este episódio, vide C. C. Chiasson, 'The herodotean Solon', *Greek, Roman and Byzantine Studies* 27. 3, 1986, 249-262; S. O. Shapiro, 'Herodotus and Solon', *Classical Antiquity* 15. 2, 1996, 1-20; D. F. Leão, 'Sólon e Cresos. Fases da evolução de um paradigma', *Humanitas* 52, 2000, 27-52; M. F. Silva, 'Aspectos da formação da noção de Europa na Antiguidade: O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de inteligência e de saber(1)', *Humanitas* 52, 2000, 3-26.

rei do Epiro, de Cíneas, o sábio da Tessália. Reconhecidamente ficcionais, estes encontros simbólicos proporcionam uma reflexão entre formas opostas de entender a vida, e uma abordagem em que o pensamento prudente e a ousadia da acção estão em causa. São eles um processo "mítico" de proporcionar uma reflexão de teor filosófico.

Um modelo literário que Plutarco foi retomar de uma tradição, que o precedia de muitos séculos, regressa em Beauvoir por intermédio do mesmo Plutarco. Assim o afirma, em palavras simples e expressivas, a autora (BEAUVOIR, 2000, p. 5): "Entre Pirro e Cíneas, o diálogo começa sem fim".

Será útil estabelecer, de forma breve, o perfil convencional deste tipo de interlocutores, de modo a testarmos a própria leitura que Beauvoir faz do motivo. Ao senhor poderoso cabe, em expoente, um mérito que o sobreleva entre os seus pares. Se já em Heródoto Creso da Lídia se podia considerar o homem mais rico e poderoso do universo, Plutarco cumula de iguais vantagens o seu biografado. Em texto não citado por Beauvoir, mas implícito no seu pensamento, Pirro (318–272 b. C.) é colocado por Plutarco num pedestal (7. 4): "Não ficava aquém de nenhum rei em ousadia e determinação". Por isso se tornou reconhecido não apenas pelos amigos, mas também pelos inimigos (8. 1). Assim Aníbal, o célebre cartaginês, declarou Pirro o primeiro general em experiência e em estratégia; a Cipião deu o segundo lugar e a si mesmo apenas o terceiro (8. 2). Heródoto, como Plutarco, confluem, no entanto, no princípio instável da vida, que traduzem por uma mesma curva da existência. Do nascimento, pessoal e político, das figuras de excelência que centralizam as suas narrativas, fazem-nas evoluir para uma *akme*, onde as suas qualidades proporcionam um máximo de grandeza e de reconhecimento. Mas é regra também da mesma trajectória que progrida para a decadência, com um desfecho inevitável. A convicção de que a sorte, ou alguma divindade benfazeja, lhes garanta para sempre um sucesso incólume apenas denuncia a mesma cegueira, que é traço indissociável da natureza dos homens. É este carácter paradigmático de Pirro que o torna digno de protagonizar uma *Vida*, no conceito modelar de Plutarco, e o culmina de virtudes, ou traços humanos, entendidos na sua expressão máxima.

Cíneas assume, tal como Sólon em Heródoto, o papel do pensador, ou do sábio, capaz de avaliar a natureza e carácter do rei e estabelecer com ele um contraste de perspectiva. Vai nesse sentido também a leitura de Beauvoir, que a assinala com um breve

“Cíneas parece sábio” (BEAUVOIR, 2000, p. 3). Nesta sua função literária ou filosófica (DUFF, 2005, p. 113)<sup>6</sup>, funciona como mais um exemplar de um verdadeiro tipo da narrativa historiográfica tradicional, conhecido por ‘o conselheiro’, conforme Lattimore (1939, p. 24-35). Em Heródoto multiplica-se um número expressivo de casos, cobrindo um catálogo de figuras reconhecidas como detentoras do saber humano no seu máximo. Delas se espera, na narrativa, o contraponto com os senhores poderosos, a interrogação, a advertência, a previsão, em geral desprezada ou mal compreendida pelo interlocutor. Plutarco mantém-se fiel ao modelo. O Cíneas que integra no episódio tradicional prima pela sensatez, goza "de reputação de um grande bom senso", primeira condição de um "conselheiro". É também um discípulo dilecto de Demóstenes, o orador, de quem herdou uma imbatível capacidade persuasiva no uso da palavra. A uma estátua, símbolo por excelência da memória, mas sem vida, Cíneas acrescentava a revitalização de um potencial, o discurso eficiente. Numa só pessoa, dialéctica e retórica, a arte da argumentação e da sua expressão oral, confluíam harmoniosamente. Mas apesar dos reconhecidos méritos de que este conselheiro dispõe, bom senso e persuasão, a sua intervenção está votada ao fracasso. Não se esquece Plutarco de concluir: "Estas palavras de Cíneas deixaram Pirro mais incomodado do que convencido. Deu-se conta de quanto bem-estar punha de lado, mas sentia-se incapaz de renunciar às expectativas por que aspirava".

Ainda que de forma sóbria, não deixa Beauvoir de pôr em evidência estes traços essenciais no seu relato do episódio. A Pirro atribui, no diálogo, um conjunto de formas verbais, dinâmicas no seu sentido, expressivas de um propósito e de uma tendência determinada, obstinada e intuitiva para a acção (BEAUVOIR, 2000, p. 3): "Submeteremos, ganharemos, conquistaremos, iremos". O contraste é tanto mais chocante com um "descansarei", a que não falta ironia e incredulidade. Parece até legítimo questionar este "descansarei" e o seu sentido numa natureza agitada e belicosa, a quem a inércia não convém: será ele, mais do que sugestivo de um espaço de lazer e de convívio entre companheiros, significativo do remate de uma trajectória de vida<sup>7</sup>? Significará "morte",

---

<sup>6</sup> DUFF compara o efeito do interrogatório de Cíneas a um questionamento socrático, que leva Pirro a uma situação de confusão ou *aporia*, como é próprio dos interlocutores do filósofo de Atenas.

<sup>7</sup> A dar força a esta interpretação parece poder invocar-se um outro passo da *Vida de Pirro* (8. 2), onde Plutarco recorda a resposta dada por Antígono, a quem se perguntara quem considerava o melhor general: "Pirro, se chegar a velho".

como ocorreu com Aquiles, de resto um antepassado de Pirro, para quem um fim glorioso é o único descanso possível para as agruras do combate? Ou quererá dizer, como para Ulisses, herói paradigmático de um outro roteiro de vida, o reingresso numa normalidade monótona, de que Ítaca é o eterno bastião? O certo é que, antes que chegue esse "descanso", Pirro sonha com um enorme império, que subordine todo o mapa conhecido à sua autoridade; estamos de facto perante um projecto de acção levado ao limite. A Cíneas convém, no diálogo forjado por Beauvoir, o formular de interrogações sucessivas, o suscitar de dúvidas, o alertar para os paradoxos da leviandade intrínseca à natureza humana. O seu constante "E depois" é uma denúncia da incompreensão repetida, persistente, inconvertível, de um homem poderoso, mas cego à ponderação e à clarividência.

Além da "citação" de Plutarco, atentemos nos conceitos que estão em causa nestas breves páginas preambulares. Na sua globalidade, a questão essencial, no episódio de Plutarco como em Beauvoir, é o que se pode entender como o legítimo projecto humano, o que poderíamos chamar a busca de uma *arete* pessoal, ou seja, de uma excelência, que confira a cada homem uma satisfação individual e, certamente, o apreço por parte da sociedade que o cerca. Numa palavra, a discussão filosófica que *Pirro e Cíneas* desenvolve devolve-nos, em última análise, a valores já consignados na poesia homérica, *arete*, excelência, e *timê*, "reconhecimento".

Observemos um conjunto de tópicos, propostos neste preâmbulo, que aproximam o pensamento antigo do da filósofa francesa. Para o seu percurso de vida, o ser humano obedece essencialmente a dois pressupostos: o de *physis*, a sua natureza, ou seja, o conjunto de características físicas e psicológicas que constituem a sua individualidade e o integram numa linhagem ou ascendente familiar; a que se soma o *nomos*, ou padrão social, que importa ser praticado por cada um dos membros do colectivo. É sob a pressão, nem sempre harmónica, de *physis* e *nomos* que o destino de cada ser humano é traçado.

É, antes de mais, da sua *physis* que resulta o comportamento humano, por sua vez expresso por duas outras condicionantes, *nous*, "o pensamento", e *ergon*, "a acção". Tomando Pirro por modelo, de acordo com a própria sugestão de Beauvoir, registaremos algumas observações oportunas de Plutarco. O que foi por alguns considerado o melhor general do seu tempo revelou, como suas características, "conhecimento e destreza na estratégia e no comando militar" (*Vida de Pirro* 8. 2). Muito jovem ainda, já o seu brilho no

combate era evidente (4. 3). A estes talentos, juntava-se uma *natureza* belicosa, que "o tornava incapaz de estar quieto" (12. 5). Mesmo quando "o Acaso lhe pôs à disposição a possibilidade de levar uma vida sem canseiras, exercendo o poder sobre o seu próprio povo, ele não aceitou essa benesse. Considerava-se entediado até à náusea, se não estivesse a incomodar os outros ou a sofrer algum dano que eles lhe infligissem" (13. 1). Duff (2005, p. 101) salienta, no entanto, como a *Vida de Pirro* pode ser considerada uma ilustração e uma advertência para os riscos da insatisfação. Pirro é, sem dúvida, dotado de uma natureza superior e capaz de façanhas excepcionais; mas não deixa, por isso, de denunciar lados negativos na sua busca desenfreada da *pleonexia*. Este tópico da insatisfação com o que se tem, que produz a tendência para alimentar esperanças imoderadas quanto ao futuro, é, de facto, central no texto em causa de Plutarco (DUFF, 2005, p. 103-107)<sup>8</sup>.

A especulação de Beauvoir, feita a partir da citação de Plutarco, segue parâmetros equivalentes. Na sua opinião, a agitação que caracteriza o paradigma é algo de congénito na natureza humana, a crer na forma como uma espécie de "complexo de Pirro" se manifesta: "se o ser Pirro fosse um ser em repouso, não poderia nem mesmo sonhar com partir; mas sonha, e a partir do momento em que sonha já partiu". (BEAUVOIR, 2000, p. 21). Assim também no comportamento espontâneo de uma criança (BEAUVOIR, 2000, p. 4): "Um menino parece-se com Pirro: corre, brinca sem preocupações, os objectos que cria parecem-lhe dotados de uma existência absoluta, contêm em si mesmos a sua razão de ser". Esta é a descrição de um impulso natural para a ousadia, que existe na espontaneidade essencial do ser humano e que lhe assegura, basicamente, uma autonomia e uma identidade. Se sujeito a uma observação atenta, esse impulso elementar parece aproximar-se do irracional (BEAUVOIR, 2000, p. 5): "Os sábios quiseram ver nesse impulso o sinal de uma loucura irremediável do ser humano; mas uma perversão tão essencial poderá chamar-se 'perversão'? Onde encontraremos a verdade do homem se não nele mesmo? A reflexão não

---

<sup>8</sup> Duff chama ainda a atenção para a vitalidade que a discussão sobre este tópico teve nas discussões filosóficas da época helenística, próximas portanto de Plutarco. O próprio desenvolve o mesmo assunto num dos seus tratados morais, *Sobre a tranquilidade de espírito (Peri epithymias)*. Duff sublinha ainda as influências que a filosofia estóica e a epicurista tiveram sobre o Queroneu na discussão deste tópico; Beauvoir não é também alheia a essa realidade, quando traz opções de epicuristas e estóicos à sua reflexão (*Para qué la acción?*, 2000, pp.17-18, "o estóico pode, com toda a legitimidade, classificar tanto o prazer como a dor entre essas realidades que lhe são estranhas e indiferentes, dado que as define como um simples estado que desejaríamos, passivamente, perpetuar em nós"; Ainda Beauvoir (2000, p. 20), "Os epicuristas sabiam-no bem, desdenhando o prazer em movimento para valorizar apenas o prazer em repouso, e melhor ainda os estóicos, que pediam aos sábios que renunciassem até ao próprio corpo").

pode deter o impulso da nossa espontaneidade". Tidd (2004, p. 31) tem razão ao afirmar que o argumento de Cíneas sobre o absurdo da acção humana não tem a concordância de Beauvoir; do ponto de vista da filósofa, o ser humano é transcendente, dominado pela atracção para o além do que lhe é acessível. *Physis*, como um estímulo à acção, tem primazia no comportamento humano, rege o que é a tendência, o impulso, o movimento da própria vida (BEAUVOIR, 2000, p. 5): "Enquanto permanecer vivo (...), o coração bate, a mão estende-se, novos projectos nascem e empurram-no para a frente". Mas nem só pela acção se exprime a natureza humana (BEAUVOIR, 2000, p. 5): "A reflexão também é *espontânea* (o que o grego diria com *symphyton*, 'coincidente com a própria natureza')".

Muitas das manifestações da natureza de cada ser humano evidenciam um factor congénito, a herança de um passado, e talvez por isso fizesse parte da expressão do mérito social na Antiguidade a afirmação de um ascendente mítico ou aristocrático. Sem dúvida por essa mesma razão, Plutarco ocupa alguns dos capítulos iniciais da *Vida de Pirro* a identificar-lhe a linhagem, em última análise originária de Aquiles (1. 2). O próprio nome de Pirro, repetido de geração em geração na casa real do Epiro, deu expressão a essa continuidade: Neoptólemo, o filho de Aquiles, apoderou-se da terra dos Molossos; dele descendeu uma linhagem conhecida por Pírridas, porque ele usava a alcunha de Pirro quando rapaz; a um dos seus filhos veio a dar também o nome de Pirro. A dignidade de que se sentia herdeiro exigiu do general que mais tarde se chamou igualmente Pirro a pretensão de que a glória de Aquiles lhe pertencesse mais por "mérito próprio" (*di' arete*) do que por "parentesco" (*katà genos*, 7. 4). O mérito próprio e a herança familiar tornam-se o prolongamento natural um da outra. Do seu primeiro antepassado, Pirro herdou o desejo, extremo e radical, de glória, ao preferir, tal como Aquiles, uma morte precoce a uma vida longa e tranquila. *Arete* é risco, é esforço, é inquietude, mas é também um factor de diferença, de perpetuação da memória; é, por isso, uma via de redenção para a efemeridade humana; não sem que, mesmo assim, para Plutarco algum excesso possa existir nesse propósito, na mesma linha de Aquiles (*Vida de Pirro* 13. 1), também ele incapaz de suportar a inactividade e não isento de alguma imponderação (DUFF, 2005, p. 115)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Duff sublinha que o retrato que Plutarco dá de Pirro, da sua insatisfação e descontentamento permanentes, parece corresponder ao quadro histórico da época helenística, que marca o declínio dos valores em vigor no apogeu da cultura helénica. "Glória" passou a ser "falsa glória", um acumular de honras excessivas, concedidas não por um escol de heróis, mas por uma população insensata.

Beauvoir valoriza, da cadeia geracional, uma outra leitura. Da criança que potencializa o adulto imagina a concorrência com os seus progenitores; "olha, com desprezo, os seus maiores; como lhes é possível acreditar nos seus empreendimentos?" (BEAUVOIR, 2000, p. 4-5).

A reflexão sobre como dar sentido à vida implica um constante dilema. A indecisão, a dificuldade de optar, motiva, no texto de Beauvoir, sucessivas interrogações (2000, p. 3): "Para quê partir, se é para regressar? Para quê começar, se é forçoso suspender?". Mas o grande drama humano está na necessidade de uma decisão (BEAUVOIR, 2000, p. 6): "E, não obstante, é preciso que Pirro se decida. Fica ou parte? Se fica, o que fará? Se parte, até onde irá?"; e mais adiante, em igual perspectiva insiste Beauvoir:

Há que tomar partido, temos de escolher sem que nada nos imponha a escolha que fazemos. Antes faz parte da nossa liberdade precisamente determinar essas escolhas. (BEAUVOIR, 2000, p. 80).

Tidd (2004, p. 32) confirma, a propósito da perspectiva de Beauvoir: que somos estranhos a nós mesmos e sempre tentados a ultrapassar uma determinada situação. Mas, ao fazê-lo, é destino humano "escolher", pois não escolher é aniquilar-se a si mesmo.

Este é um dilema trágico, que motivou alguns dos quadros mais célebres da cultura helénica. Agamémnon, que ponderava em Áulide, perante ventos adversos e a oposição divina, a necessidade íntima de partir para Tróia, ou a possibilidade de ficar, e desistir, é talvez do dilema humano o melhor paradigma. Prosseguir teve, no caso do rei de Micenas, um preço elevado: foi preciso sacrificar a própria filha, algo de si mesmo, sangue do seu sangue, antes de ganhar o direito de satisfazer uma ambição. Porque se tratava de um guerreiro modelo, arrancado do mito, aparece sujeito a um padrão extremo de experiência. Mas Beauvoir (2000, p. 6), sem os requintes de uma lenda exemplar, avalia, mesmo assim, as diferentes medidas do projecto da vida humana, o conformismo a par da ousadia: "Há homens que pretendem trabalhar a terra inteira; há outros para quem uma floreira é já demasiado grande".

Verificada a escala extensa da ambição humana, há que reconhecer que a tendência é para o excesso, aquilo a que os antigos chamavam *hybris*. Adiante, no capítulo que dedica a "O instante", Beauvoir insiste na ideia: "Será que o prazer é o repouso? É em nós mesmos que o encontramos e poderá alguma vez satisfazer-nos? Basta, suficiente, já não é tão

agradável como antes". (BEAUVOIR, 2000, p. 17). Um excesso contagioso, que parte de um indivíduo e penetra toda a sociedade. Diz Plutarco (*Vida de Pirro* 7. 2): "A doença natural (*symphyton nósema*) é, no despotismo, o desejo de preponderância" (*pleonexia*). É visível nesta insatisfação a ânsia de poder que afecta os fortes, uma interferência da natureza sobre o *nomos* político ou colectivo. A determinação excessiva do chefe não deixa de contaminar os seus subordinados. O que pode ser, à partida, um impulso construtivo, facilmente acarreta "desmesura" e interfere com a norma apolínea do "nada em excesso". Plutarco fala dessa insatisfação como repleta de "esperanças", no sentido de valorizar o efeito nefasto das paixões; o seu alvo traduz-se numa obsessão competitiva pelo sucesso, vitória e prestígio; no caso de Pirro, como sempre, este é o caminho aberto para o desastre militar e para a decadência.

Nos espíritos belicosos e determinados, Plutarco não hesita em reconhecer (*Vida de Pirro* 12. 3): "Estão perpetuamente em guerra, porque conflitos e invejas fazem parte da sua natureza (*symphyton*); tratam as duas palavras, guerra e paz, como moeda corrente, usando seja o que for que aconteça em seu proveito, sem problemas de ilegitimidade". Não há barreiras, desde logo geográficas, que se oponham ao vigor incontrolável dos seus projectos; e Plutarco produz uma diatribe vigorosa contra a *pleonexia* (12. 2): "Pois como é que homens a cuja rapacidade (*pleonexia*) nem o mar, nem as montanhas, nem os desertos desabitados põem limites, homens a cujas ambições insaciáveis nem as fronteiras que separam a Europa da Ásia fazem parar, se poderiam contentar com o que têm sem se agredirem mutuamente quando estão próximos?". Se aliciado para mais uma aventura, o chefe arrasta consigo as vontades dos que o seguem (13. 6): "Os Tarentinos insistem com Pirro para que os comande contra os Romanos. O que não só entusiasmou o próprio Pirro, mas também incentivou os Epirotas a realizarem a empresa"<sup>10</sup>. Heródoto e Plutarco coincidem mais uma vez no entendimento do percurso da vida humana; para ambos, o desejo de sucesso pode incentivar a extremos, em geral perigosos e demolidores; como para ambos também as barreiras geográficas parecem estabelecer, por mão divina, limites naturais à ambição humana e um código de alertas que é prudente respeitar.

Beauvoir valoriza a mesma insaciedade que faz parte da natureza humana (2000, p. 3): "Se se começa, não se terminará jamais". E recorda, na pegada de Plutarco

---

<sup>10</sup> Também para as atitudes censuráveis os subordinados vão encontrar no seu chefe o modelo, mestres que ele pode ser de deslealdade e de traição (12. 3).

(BEAUVOIR, 2000. p. 4): "Se Pirro pudesse estender os limites das suas conquistas para além da terra, para além das estrelas, para além das lonjuras nebulosas, até um infinito que, sem cessar, se lhe escapasse diante, o seu esforço havia de dispersar-se sem jamais atingir qualquer fim. A luz da reflexão, todo o projecto humano pode parecer, portanto, absurdo, pois não existe sem uma definição de limites e esses limites podem ser sempre ultrapassados com uma pergunta desdenhosa: 'Porquê precisamente aqui? Porque não mais adiante? Porquê?'" O homem julga, por um momento, que tem o poder de superar todas as barreiras. Só mesmo a morte tem artes de pôr a esta ânsia um termo definitivo (BEAUVOIR, 2000. p. 5): "Alguns matam-se, para pôr fim a esse sonho irrisório e esse é, de facto, o único meio de terminar".

Ao rematar o seu capítulo introdutório, como um desafio que o desenvolvimento da reflexão se encarregará de abordar de diferentes perspectivas, Beauvoir (2000, p. 6) deixa as perguntas para que o oráculo de Delfos propunha a célebre resposta, "nada em excesso": "Qual é a medida do homem? Que limites se pode propor e que esperanças lhe são permitidas?" Ou seja, o preâmbulo termina como começara, com o que é o sentido essencial do episódio de Pirro e Cíneas e o pensamento de Plutarco: a ambição desmesurada traz os seus perigos e é, até certo ponto, reconhecidamente desnecessária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARP, K. **The bonds of freedom. Simone de Beauvoir's existentialist ethics.** Illinois, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *Pyrrhus et Cineas.* Traducción en español. **Para qué la acción?** Barcelona: El Aleph Editores, 2000.

CARD, C. **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir.** Cambridge University Press, 2003.

DAIGLE, C. Beauvoir: réception d'une philosophie. **Horizons philosophiques.** 16. 2, 2006, 61-77.

- DEUTSCHER, P. **The philosophy of Simone de Beauvoir**. Cambridge, 2008.
- DUFF, T. E. **Plutarch's Lives. Exploring virtue and vice**. Oxford University Press, 2005.
- GAROUFALIAS, A. P. **Pyrrhus king of Epirus**. London, 1979.
- GROSHOLZ, E. R. **The legacy of Simone de Beauvoir**. Oxford Clarendon Press, 2004.
- LATTIMORE. The wise adviser in Herodotus. **Classical Philology**. 34, 1939, 24-35.
- MARASCO, G. Note ellenistiche. **Prometheus** 9, 1983, 221-231.
- MOSSMAN, J. M. Plutarch, Pyrrhus and Alexander. In STADTER, Ph. A. **Plutarch and the historical tradition**. London and New York: Routledge, 1992, 90-108.
- PERRIN, B. **Plutarch's Lives. IX**, Cambridge, Massachusetts: Loeb Classical Library, 1968.
- SCARTH, F. **The other within. Ethics, politics and the body in Simone de Beauvoir**. Oxford, 2004.
- TIDD, U. **Simone de Beauvoir**. London and New York: Routledge, 2004.